

REFLEXÕES PANDÊMICAS

Guto Bassi (27/07/2020)

Dizem (e sempre há alguém para dizer algo) que os momentos de crise fazem aflorar o que as pessoas têm de melhor e de pior. Não é essa uma afirmação original ou sequer complexa, dirão alguns. Provavelmente dirão que é uma assertiva óbvia. E, é. Concordo. Com a obviedade, talvez não tanto da assertiva. Principalmente porque “melhor” e “pior” são conceitos muito relativos, que sempre se referem às questões pessoais, individuais. O que um considera “melhor”, outro considera “pior”. E nem falo de “bom” e “ruim”, porque, nestas condições, seria ainda mais confuso.

O título do texto, obviamente, situa o que escrevo neste momento de pandemia pelo qual passamos. Ou que passa por nós, também é uma questão em aberto. Tenho – temos, todos nós – assistido a grandes discussões e embates derivados deste momento e seus desdobramentos. Devemos preservar a saúde? Devemos salvar a economia? Salvando a economia não garantimos a saúde? Protegendo a saúde não estamos garantindo a retomada da economia? Olha a relatividade aí novamente... mas chega dela. Deixe-me falar de algumas coisas que descobrimos agora e que, do meu ponto de vista, pouco tem de relativo:

1. Não estamos preparados para enfrentar qualquer desafio. Um simples vírus pode paralisar o planeta, ao contrário do que nos fizeram crer todos aqueles filmes de ficção científica em que a engenhosidade humana deu conta de, heroicamente, contornar os problemas, explodir o meteoro, adaptar-se ao frio, matar os zumbis ou exterminar os aliens. Às vezes as coisas acontecem sem que saibamos o que fazer. E nos pegam de surpresa. A vida tem surpresas. Eventualmente num nível planetário. Foi o caso. Ninguém esperava, ninguém previu. Sim, eu sei que há notícias circulando de gente que previu a desgraça, que escreveu livros, etc. Fakes. Aproximações, coisas vagas. Ninguém previu. Não temos desenvolvimento tecnológico para prever coisas assim. Podemos fantasiar e escrever a respeito o quanto quisermos. Mas um vírus, uma partícula que ainda se discute se está viva ou não, derrubou todas as nossas ilusões a respeito.

2. As pessoas acreditam no que elas querem. Você, certamente, já percebeu isso. Quem acredita em teorias conspiratórias, já disse que o vírus é uma tentativa chinesa de dominar o mundo, derrubando a economia. Ou uma tentativa de acabar com os mais dependentes, eliminando os velhos da nossa sociedade. Ou os gordos, melhorando a estética humana (essa teoria não vi ainda, mas imagino que alguém já pensou nisso). E não há necessidade de ter provas, indícios, fatos. Há a crença nisso. Ou em um medicamento. Ou, talvez mais perigoso, a ideia de que a imprensa aumenta números, inflaciona o perigo apenas para colocar a sociedade em colapso, que o vírus é, na verdade, uma invenção, é inócuo. Vivam normalmente. Novamente, nenhum embasamento. Nada que nos leve a acreditar nisso a não ser a nossa vontade de acreditar. Esta vontade, talvez, seja a raiz de todo o problema. Não é de agora que as pessoas tendem a achar que suas crenças são verdades. Vende-se muito esta ideia há muito tempo. A fé é vista como algo positivo. Se você pensar positivamente, consegue as coisas. Reze. Ore. Faça sacrifícios. Tudo resumido na ideia de que eu acredito porque quero acreditar. Só que isso não faz, objetivamente, nada mais do que convencer as pessoas das coisas que elas já acreditavam. Mesmo que os fatos, a vida, o mundo contradiga isso tudo. Continuam acreditando. E, obviamente, colocam suas crenças como positivas. Mesmo que isso leve à morte de outras pessoas ou mesmo ao eventual auto imolamento em nome de algo. Ou alguém. É muito mais confortável acreditar nas coisas do que duvidar delas. Cômico, eu diria. E, quando isso se transforma numa causa,

mentes estreitas encontram uma causa. O resto é decorrência. Olhe em volta. Os exemplos abundam.

3. Nós não sabemos mais onde é o nosso lugar. Com o advento das mídias sociais todos viraram especialistas em tudo. A opinião de um infectologista que dedicou sua vida a estudar doenças virais tem o mesmo peso de um digital influencer que resolveu começar a falar de qualquer coisa. A possibilidade de emitir opiniões de forma quase instantânea fez com que as pessoas começassem a achar que uma opinião vale tanto quanto a outra. Especialistas não sabem nada. Quem sabe é quem nunca estudou o assunto. Repetem-se absurdos tipo “frio leva a desenvolver resfriado”, “o vírus causa doença por baixa de imunidade” ou “vamos tomar vitamina C para evitar o corona”. Você acha que alguma dessas afirmações é verdadeira? Provavelmente acha. Por quê? Porque já ouviu alguém falar disso. Não há qualquer evidência que sustente essas afirmações. Mas existem as “ouvidências”. Você certamente já ouviu alguém falar isso. Por que não acreditar? Não, não vou me repetir. Está no parágrafo acima: é mais confortável acreditar. É estranho duvidar, você fica chato. Ou, pior ainda, é complicado ser honesto. Porque ser honesto, cientificamente falando, é assumir uma verdade que as pessoas (talvez especialmente os médicos, nós médicos) detestam aceitar: honestidade neste momento é dizer “eu não sei”. Qual medicamento funciona contra esse vírus? Eu não sei. Não existe nada comprovado. Do ponto de vista racional, se nada está comprovado, então nada deve ser usado. Vejo muita confusão nesta área: notícias de pessoas que “precisam internar na UTI para receber medicação contra o coronavírus”. Vocês já se perguntaram que medicação é essa? Pois é... não existe. Existem procedimentos, assistência ventilatória, uso de corticóide para diminuir resposta inflamatória (resposta inflamatória é o que mata o paciente, não o vírus, diretamente), existe toda uma tentativa de ganhar tempo para que o paciente se recupere. Felizmente a maioria se recupera. Mas não porque usou isso ou aquilo. Comprovadamente não. Sim, existe o argumento “mas se não se tem nada que funcione, vamos usar algo”. Isso é antiético. Errado. Contra as regras da medicina. Se um tratamento não é eficaz e efetivo ele não deve ser usado. Prescrever placebo, fora do escopo cada vez mais raro de uma avaliação científica, é antiético. É infração ética. Pode ser crime, inclusive. Que os pacientes reclamem de não existir tratamento específico e usem qualquer coisa para tentar se tratar eu entendo. Que médicos apoiem isso é inconcebível. Simples assim.

4. Não existem heróis nessas histórias. “Os profissionais da área da saúde são nossos heróis”. Se você é profissional da área da saúde e acredita nisso, somos profissionais muito diferentes. Esse tipo de discurso só tende a alimentar egos inflados e atrapalhar a boa prática. Somos profissionais. Faz parte da nossa tarefa atender doentes. Isso não é favor algum. Muitos de nós morreremos desempenhando essa tarefa. Nenhuma surpresa nisso também. Historicamente abundam exemplos. Não é de agora que se abre mão de bons momentos com as famílias em função de trabalho. Não é de agora que, se não houvesse uma equipe de saúde disponível, vidas seriam perdidas. Não há nenhuma novidade nisso a não ser que os profissionais de saúde não podem simplesmente fugir do vírus e se esconder. Muitos o fizeram. Provavelmente diversos deles postam coisas falando do vírus e de quão heroicos somos enfrentando este sujeito maléfico. E quanto amamos nossos pacientes. E como somos desinteressados. Isso tudo pode ou não ser verdade. Mas aprendi ao longo da vida que, quem mais fala, quem mais aparece, quem mais discursa, é quem menos faz. Há profissionais da saúde trabalhando. Acredito que sempre haverá. Quer reconhecer o trabalho deles? Pare de falar mal do que eles fazem. Pare de dizer que o SUS não funciona nada. Ele não é perfeito, mas funciona sim. Tem o que melhorar, óbvio. Mas existe. Veja o exemplo de países em que não existe uma rede pública de atendimento. Compare. As diferenças são óbvias. Entenda que profissionais de

saúde trabalham de segunda a segunda, 24 horas por dia, 365 dias por ano. Da próxima vez que você for dizer que o pessoal da área da saúde se acha diferente, lembre da pandemia. Conclua o óbvio: o pessoal da área da saúde é realmente diferente. Não melhor, leia o que escrevi. Diferente. Outras opções. Outro jeito de viver. Respeite. Não há heróis. Há gente séria. Acredite neles. Não nos espalhafatosos, exibidos, egocêntricos. Foque em quem é sério. Prestando atenção você vai saber diferenciar.

5. Todas as possíveis lições serão esquecidas. Há quem discorde disso, de saída. "Sairemos melhores desta pandemia". Duvido. Não tenho como afirmar isso com certeza, afinal não sou vidente, mas não acredito que vamos melhorar substancialmente. Há cerca de um século tivemos a gripe espanhola e tudo continuou igual. E olha que ela matou muito mais gente do que o Covid 19 matará. As pessoas continuarão sendo como elas são. Teremos um "novo normal" por, talvez, alguns anos. Depois voltaremos ao que já tínhamos. As igrejas vão reabrir, os sermões voltarão a falar dos milagres que nunca acontecem... se fosse verdade o vírus não teria atacado o planeta. As pessoas não morreriam. Deus pode menos que um vírus? Ou não somos merecedores de sua misericórdia? O pessoal do coaching vai ressurgir, fazendo as pessoas acreditarem que tudo é possível. A autoajuda vai florescer novamente, as pessoas vão continuar acreditando em frases bonitas que dizem só o que elas querem ouvir. Chatos como eu serão mais rapidamente esquecidos. Sem dúvida. Veremos demagogos assumirem funções de poder na sociedade. Corruptos serão idolatrados. Toda uma gama de pessoas inúteis e irrelevantes para a vida diária continuarão sendo "celebridades". Não, não aprenderemos nenhuma lição a sério. Porque aprender é difícil, dá trabalho. Melhor acreditar em coisas bonitinhas e agradáveis.

Cinismo a toda prova, este texto? Não era a intenção. Pensei em pensar. E esses são os pensamentos que me ocorrem. Bons? Ruins? Comecei falando que há grandes questões que relativizam as outras. Acho que é verdade. Inclusive classificar este texto em algum grupo. Considere como um instantâneo. Reflexos de pensamentos de hoje. E só.